

CANCIONEIRO

Jogral caído

Tu riste muita vez em noites jubilosas,
Da sua fina graça e franco bom humor;
Tinha talvez, quem sabe?... a mente dêsse actor
Os sonhos e ilusões das vidas radiosas.

Dava-lhe a fátua luz da rampa horas ditosas...
Julgava-se feliz ouvindo aquel' rumor
Do povo entusiasmado e que num estranho ardor
Lhe atirava febril as palmas victoriosas.

Tu rias... vê-o agora!... a fronte macilenta,
Os lábios já sem riso, e os olhos já sem luz...
Viver p'ra toda a gente, é morte, é morte lenta!...

Esqu'leto que tem frio... o premio que o seduz
E' achar, ao cair, vencido p'la tormenta,
Sete palmos de terra à sombra duma cruz!...

Adelino Veiga.

Um inquerito

Em 30 de Janeiro de 1911, a *Republica Social*, semanario de Lisboa, que tinha por director o actual redactor principal do *Combate*, publicou em suplemento o relatório de uma comissão composta dos socialistas Antonio Pereira, Oliveira Pombo e Antonio Augusto Marques, e nomeada pelo centro socialista do 1.º bairro, para inquirir «tudo quanto pelas associações, pelos cafés e pelas fabricas e oficinas se tem dito contra os homens mais em evidencia no partido socialista». Nesse relatório os comissionados limitavam-se a dizer aos seus correligionarios, que não possuíam «um unico documento que prove as acusações que eram dirigidas ao partido socialista», e portanto não viam «necessidade alguma de afastar ninguem». Seriam as mesmas as suas palavras se ao tempo tivessem vindo a publico as cartas sobre o movimento operario agora insertas nos *Documentos politicos*?

Fazem-nos supor que sim estas palavras da *Voz do Operario*: — «E que ha ali? Cartas, simplesmente cartas, dum funcionario qualquer que ninguem conhece, procurando insinuar-se no espirito do rei e dos ministros, como ainda hoje se faz... No entanto, ao passo que ali se não encontra nada, que possa ferir ou beliscar qualquer elemento operarios socialistas...» Pensará assim o povo trabalhador a quem o suplemento era dirigido? Não verá sequer que o tal funcionario que ninguem conhece era pelo menos conhecido de Gnecco, que o tratava por «meu caro amigo» e com êle versava casos de provaveis instituições officiais de trabalho? E não só de Gnecco, mas de Antonio Pereira, que no *Combate* de do-

mingo passado escrevia: — «Só uma cousa transparece: é que um tal Alfredo Monteverde jogou com êle (Gnecco), como pretendeu jogar comigo, para satisfação das suas ambições pessoais, porque esse homem não era um politico».

Seja qual for o juizo do povo trabalhador, nós frizamos já o que temos por patente.

Monteverde envolveu-se nas coisas socialistas, como agente directo do rei, com um fito: pôr a força proletaria ao serviço da monarchia. E tão bons ou tão maus eram os seus serviços, que uma ocasião houve em que D. Manuel, «muito interessado pela questão havia bastante tempo», afirmou que êle conseguira unir completamente os diferentes grupos socialistas, e que no partido socialista se fazia tudo sob as indicações dêle.

Apesar disso, pode bradar-se, como faz a *Republica Social*, que os socialistas nunca tiveram acordos politicos, nem ligações secretas com a monarchia? Julgamos que não. E o nosso modo de vêr, que é também o de Antonio Pereira, quando confessa que Monteverde jogou com Gnecco, — salvo se pretende agora fazer passar o falecido chete socialista por um inocente, um pobre homem, — tem a rebustecê-lo a declaração do sr. Venceslau de Lima, que diz: «Eu já tenho tido alguns entendimentos com o operariado por intermedio de um *companheiro* do Gnecco».

Em conclusão: — O inquerito a que nos referimos não deve ter-se por encerrado. A' classe trabalhadora assiste o direito de saber como tem procedido alguns dos seus mentores para *arrancarem* do Estado tanto quanto possível, em favor dela. E é do seu proprio interesse usar dêsse direito.

A PROPOSITO DA GUERRA

O caso Sebastião Faure — Abdica-se pegando em armas?

Contrariamente aos boatos que correram, Sebastião Faure não foi preso nem processado por causa do seu manifesto sobre a paz. S. Faure foi convidado pelo ministro do interior a ir falar lhe ao seu gabinete, dizendo-lhe o ministro o seguinte, (*Tierra y Libertad*, 24-2-915; não traduzimos porque se trata já de uma tradução e todo o leitor compreender o espanhol):

«Admiro en vos al orador elocuente, al artista magistral de la palabra. Admiro también vuestras ideas aun cuando no participo de ellas.

«Soy, como vos, partidario de la paz, que me esfuerce en mantener hasta que la guerra nos fué impuesta.

«¿Habéis calculado la honda impresión que vuestro manifiesto ha producido lo mismo en la población civil que en la militar?»

«La primera está cansada de la guerra por la carestía de la vida, por la falta de trabajo, porque sufre las consecuencias inevitables de la guerra y porque cada familia, desde Brest hasta Belfort, desde Tolosa hasta Lila, cuenta con un miembro que fué a las líneas de fuego y no ha vuelto.

«La segunda porque no puede resistir los esfuerzos sobrehumanos que, día por día, tiene que hacer, porque el trabajo a que contra nuestra voluntad tenemos que someterla es extenuante; porque está rendida, exhausta; porque cree que la espera una muerte cierta...»

«Cuando vuestro manifiesto llegó a los campamentos, a las trincheras, se produjo un principio de insurrección, que hubo que reprimir con rapidez y por todos los medios para que no se propagara, para que no tomara cuerpo.

«Muchos soldados fueron encarcelados y condenados en consejo sumarisimo. Cuando las sentencias llegaron a París para que el ministro de la Guerra las sancionara, fué convocado de urgencia un Consejo de ministros, en el que se acordó que marlas y llamamos para que desistáis, por ahora, de continuar la campaña que habéis iniciado con vuestro manifiesto, y que nosotros consideramos prematura mientras los alemanes ocupen, como ahora, unos cuantos departamentos franceses.

Libre el suelo francés de los invasores, podréis continuarla, si queréis.

«Pero actualmente, la población civil y militar están propensas, por las causas que ligeramente he señalado, a secundar todo esfuerzo que tiende a asegurarles la paz, la tranquilidad y el trabajo, como antes de la guerra.

«Si en estas condiciones se produ-

jera una nueva insurrección y no pudiéramos sofocarla, no se os escapan las consecuencias que de ello podrían derivarse para Francia, que quedaria humillada ante Alemania, para el Progreso y para la civilización.

«Yo os ruego tengáis en cuenta estas razones y deis tregua, por ahora, a vuestras ansias de paz.»

Duma carta dirigida por um *terrassier* ao secretario do respectivo sindicato em Paris: (*Bataille Syndicaliste*, 8-2-915).

«A despeito das nuvens de odio amontoado sobre o mundo, de onde cae esta chuva de dores e sangue, o nosso coração não muda. Tão resolvidos, como qualquer outro a cumprir o terrível dever que nos impuzemos, conservamos uma alma rebelde a toda a ideia de iniquas represalias ou de odio coletivo. Cada día me conveço de que o exercito de trabalho e de miseria que tem sido o proletariado, não perde de vista, para lá das lutas *necessarias* do presente, as lutas *indispensaveis* de amanhã.

Contra o fanatismo duma nação submetida — *berinde ad cadaver* — aos caprichos sanguinarios dum Hohenzollern, os sem-patria, os revolucionarios, os maus francezes, numa palavra, todos os caluniados de ontem, a caça do gendarme, a canalha a reprimir sem contempações, dão, sem contar os seus esforços, o seu sangue, a sua vida.

Esquecendo um instante que a voz de certos poderosos que agora lhe falam é a dos que antes o ultrajavam e o desconheciam, o proletariado soldado cala-se e obedece, porque para além dessa voz, passageira e pouco segura de si propria, elle houve a voz da França, a França dele, a de Jacques Bonhomme, de Rabespierre e Danton, a dos seus paes de maio de 1871, a que rugiu e se ergueu como uma vaga formidavel nos dias de manifestações operarias; essa enfim, que atravez dos seculos, reclama para todos os homens o bem estar e a liberdade! Essa França ama-a ele, sem que precise de ordem para isso e luta para que a sua voz não seja abafada pela morçaga germanica ou adulterada pelas necessidades de classe ou atavismo dominador de alguns dos seus compatriotas.

Taes são, caros camaradas; os sentimentos que nos animam. Quando a voz do canhão se cala, nós entremomos a falar entre nós desse querido passado; as vidas humanas extinguem-se, a ideia engrandece-se vigorosa e fecunda. O crente que morre, vê a sua agonia dulcificada pelo pensamento na felicidade eterna; nós, se sucumbimos, sabemos que um dia, sobre os nossos tumulos, novas cearas crescerão para alimentar uma humanidade mais fraternal e mais bela.»

NOTAS LIGEIRAS

Em conversa observou-me o outro dia um simpatisante: — «Pois se vocês são apologistas da guerra!...» E como eu não contivesse um sorriso, meio interrogador, meio compassivo, acrescentou: — «Que eu não tenho lido; é o que dizem».

Esta frase explica muitas atitudes. Ah! como seria consoladora a certeza de que todos liam e, lendo, procuravam compreender!

Entre nós ha revolucionarios que ontem ajudaram a implantar a republica... portuguesa e a defendê-la de incursões e conspirações monarchicas, e hoje desdenham da republica... francesa. Bem sabem êles que as suas palavras actuais colidem com as suas obras passadas. Mas deixam vencer a coerencia por uma forma de radica-

lismo barato, muito querida de certos espiritos. São *snobs*, de nova especie, no fim de contas.

— Quem fez a terra? Eu cá não fui, sr. professor!

A tão conhecida anedota acaba de repetir-se em certo modo, no país vizinho. A proposito da guerra actual, afirma C. D., colaborador de um jornal operario dali, que o proletariado revolucionario espanhol não a quis. Para bem se definirem atitudes, pergunta-se ao operariado espanhol: quem invadiu a Servia? quem invadiu a Belgica? E êle como o pequeno escolar, responde: eu cá não fui!

Parece que por esta razão maxima o proletariado revolucionario espanhol não está, nem pode estar de acordo com os «intervencionistas» de qualquer lado que estejam.

Qualquer.